

Manzatto, Antonio

Dois amores

Dos amores

VI Congreso Internacional de Literatura, Estética y Teología
“El amado en el amante : figuras, textos y estilos del amor hecho historia”
Facultad de Filosofía y Letras y Facultad de Teología – UCA
Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central “San Benito Abad”. Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Manzatto, Antonio. “Dois amores ” [en línea]. Congreso Internacional de Literatura, Estética y Teología “El amado en el amante : figuras, textos y estilos del amor hecho historia”, VI, 17-19 mayo 2016. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras. Facultad de Teología ; Asociación Latinoamericana de Literatura y Teología, Buenos Aires. Disponible en:
<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/dois-amores-manzatto.pdf> [Fecha de consulta: ...]

DOIS AMORES

Antonio Manzatto

Resumo

Dona Flor tem dois maridos, dois amores. São personagens de um romance de Jorge Amado que vivem uma relação complexa onde estão envolvidos sentimentos e necessidades humanas e de onde a religião não está ausente, qualquer que seja o papel que desempenhe. O subtítulo do romance é bastante sugestivo: a batalha entre o espírito e a matéria. Mais que debates filosóficos, com influências marxistas, estóicas ou outras, o romance narra a história de amor de uma mulher que não quer vivê-lo apenas em uma dimensão de sua humanidade, mas na totalidade de seu ser pessoal. No desenrolar da história, o amor não existe apenas em dimensão espiritual ou material, mas é uma experiência integrativa e constitutiva da totalidade do ser humano. Não há amor que não se concretize historicamente, e este parece ser um aspecto esquecido ao se pensar a teologia da encarnação.

Palavras-chave: Jorge Amado, amor, matéria, espírito, encarnação

TWO LOVES

Abstract

Dona Flor has two husbands , two loves . They are characters from a novel by Jorge Amado, living a complex relationship where human feelings and needs are involved, and where religion is not absent , whatever role it plays . The subtitle of the novel is suggestive : the battle between spirit and matter . More than philosophical debates with marxists, stoics or other influences , the novel tells the love story of a woman who doesn't want to live it in a dimension of their humanity , but in the totality of her personal human being . As the story unfolds , love exists not only in spiritual or material dimension , but it is an integrative and constitutive experience of the entire human being. There is no love that does not come true historically , and this seems an aspect overlooked when considering the theology of incarnation.

Keywords: Jorge Amado , love, matter , spirit, incarnation

Dona Flor e seus dois amores

Florípedes é uma jovem senhora de classe média baixa, residente em Salvador da Bahia onde possui uma escola de culinária. É pessoa conhecida no bairro, respeitada e querida por todos. Muitos lamentam, apenas, o fato de ela ser casada com Vadinho, conhecido mulherego, boêmio e fanfarrão que passa quase todas as noites na esbórnia onde gasta o suado dinheirinho de Dona Flor. Eles são apaixonados, mas ele parece preferir, apesar disso, gastar sua vida na farra, dividindo com seus muitos amigos de boemia seus momentos livres. Dona Flor convive com essa situação embora preferisse que fosse diferente. O fato é que, à sua maneira, se dão bem nos diversos aspectos de sua relação amorosa, de maneira especial no sexo, e de tempos em tempos ele até se lembra de fazer um carinho, trazer um agrado, fazer um pequeno presente surpresa para ela. Por sua vez, ela se contenta com esse pouco e atura as bebedeiras e jogatinas de seu marido.

A surpresa é geral quando, em plena folia de carnaval, corre a notícia da morte de Vadinho. Morreu na festa, ali onde sempre havia vivido. Dona Flor sente que seu mundo caiu e suas amigas enxergam o fim de seus problemas. A tristeza de Flor é profunda já que ela amava seu jovem marido, mas precisa seguir com sua vida em frente. Suas amigas a vêem agora pronta para a realização e a felicidade, livre do traste boêmio que lhe complicava a existência. Como ela é jovem, empurram-na para um novo casamento enquanto ela prefere mergulhar de cabeça no trabalho, multiplicando as aulas em sua escola de culinária. E seu tempero baiano, na comida e no corpo, chama a atenção do doutor Teodoro Madureira, farmacêutico do bairro, respeitado e respeitoso, que tem como hobbie apenas o fagote que toca na orquestra municipal. Segundo suas amigas, um foi feito para o outro. Dona Flor é jovem, bonita, atraente e desimpedida. O doutor Madureira é solteiro, bem estabelecido na vida, atencioso, fino e educado. Tudo o que uma mulher pode desejar como marido. E o romance, finalmente, engraza.

Eles se apaixonam verdadeiramente e o casamento acontece. A vida em comum se desenvolve, então, na calma e sossegada rotina onde tudo parece ter lugar, a vida segue sem surpresas e a felicidade parece ter sido conquistada. E há verdade nisso: D. Flor pode, sem medo, passear com seu marido e receber visitas em casa, sem aquele temor de ver seu marido bêbado adentrando repentinamente a casa ou dando espetáculos de mau gosto nas ruas. Eles podem descobrir as belezas da cultura baiana, na comida, na música, nas artes, sem ter como única referência a mesa do cassino. Podem curtir juntos

momentos agradáveis nos serões noturnos, nos finais de semana, e continuamente se pegam, durante o trabalho, pensando um no outro. Problema é o sexo, que não satisfaz. Ela, que conhecera as aventuras de navegar por mares desconhecidos nos braços de Vadinho, o fanfarrão da liberdade, não se realiza com algumas carícias, mecânicas e controladas, nos braços do conservador Dr. Madureira. Ela se culpa por isso, se considera desavergonhada, uma qualquer. Suas amigas lhe afirmam, cotidianamente, a beleza das virtudes do Dr. Madureira e a estabilidade de seu casamento, e ela sente saudades das surpresas nem sempre agradáveis de Vadinho, até mesmo de seus vícios, mas sobretudo da capacidade que ele tinha de fazê-la voar entre as estrelas sentindo o gosto e a alegria da vida. Se antes tudo era terrível por conta da insegurança e do inesperado, agora tudo é triste por conta do marasmo, da mesmice, do excesso de calma. E Flor se culpa porque parece não saber reconhecer tudo de bom que a vida lhe dá agora em comparação com o sofrimento que já experimentara.

Eis que, então, a situação se complica ainda mais com o aparecimento do espírito de Vadinho. Com seu mesmo jeito fanfarrão e boêmio ele se põe a conviver com Flor e ela experimenta o dilema de trair o segundo marido com o espírito do primeiro. Como pode ser? Por um lado, ela se vê alegre e feliz por reencontrar Vadinho, seu jeito, suas carícias e sua presença; por outro lado, ela se sente angustiada e torturada pelo compromisso de fidelidade para com o Dr. Madureira, a quem ela continua amando. Ele, por sua vez, nem percebe o que está acontecendo, nem percebe o drama vivido por D. Flor, dividida entre seus dois maridos. Ela experimenta na realidade de sua vida a batalha entre o espírito e a matéria, aliás subtítulo do romance. O espírito de Vadinho a atormenta e a faz feliz, a matéria do Dr. Madureira a seu lado a acalma mas lhe faz incompleta. Dividida e desesperada, ela decide procurar ajuda das Mães de Santo da Bahia, que lhe dão a receita para enviar o espírito de Vadinho de volta ao mundo dos mortos, lugar de onde nunca devia ter saído. E Flor decide fazer o correto, mandar o espírito de volta ao mundo dos espíritos para poder viver com seu marido material neste mundo real onde os vivos desenvolvem suas vidas.

E Flor assim procede mas, no último instante, muda de idéia e decide que há um jeito de viver com seus dois maridos. Ao invés de seguir regras e normas que lhe são impostas, cria seu próprio jeito de viver, senhora de seu destino e de sua liberdade. Ela, que é esposa de um e de outro decide conviver com os dois: o espírito de Vadinho e o material Dr. Madureira. Como ela decide não renunciar nem ao espírito, nem à matéria,

então pode encontrar um jeito de ser feliz nesta terra dos vivos, enquanto a morte não os reúne em outra situação.

Literatura

A narrativa de Jorge Amado é bastante conhecida. D. Flor e seus dois maridos é um romance traduzido em vários idiomas e sua história virou filme e espetáculo. De alguma forma, a batalha entre o espiritual e o material está ali retratada e a solução, que parece tão criativa no caso de D. Flor, parece mais normal nas decisões humanas e no estilo de vida que nos impomos. Afinal, é sempre bom contemplarmos o espiritual e o material. Digo que isso parece mais normal em nosso jeito de viver porque, de verdade, apenas parece. Sobretudo se o olhar se volta para o teológico e religioso, onde não há equilíbrio entre o espiritual e o material. E se olharmos para a realidade do mundo financeiro, por exemplo, também não existe equilíbrio entre as duas dimensões.

De certa forma, D. Flor é uma espécie de alter ego do próprio romancista, ele também tomado por questões que opunham material e espiritual. Afinal, comunista convicto, portanto materialista, era também adepto do candomblé, religião brasileira de matriz africana e, portanto, aberto ao espiritual. Muitos o criticaram por esta sua dupla pertença, muitos o questionaram sobre em quê ele realmente acreditava, se no materialismo ou no espiritual. Poucos viam com normalidade o que ele vivia, a união de dois aspectos que parecem contraditórios na mesma pessoa. Mas ele nunca abandonou nem uma, nem outra de suas convicções.

Os subtítulos do romance D. Flor e seus dois maridos colocam em cena esta batalha entre o material e o espiritual. Aliás, no romance as representações estão invertidas, é bom que se perceba, e já indicam a união de contrários. Afinal, Vadinho, o espírito, representa o amor físico, sexual, bem carnal e material; já o Dr. Madureira, o material, representa as virtudes espirituais que se diz serem importantes no desenvolvimento da vida: é atencioso, educado, respeitoso, um poço de virtudes. Nos personagens, o material representa o transcendental enquanto que o espiritual representa o histórico. A solução apontada é a não exclusão de nenhum dos dois. Na realidade da vida existem aspectos imanentes e transcendentais, relacionados à realidade e a valores, e não se pode renunciar a um para viver o outro. Da mesma forma, na relação amorosa, segundo Jorge Amado, há a comunhão de almas e de corpos, de tal forma que não há

realização na relação amorosa se não for humanamente completa. Renunciar a um ou a outro, na verdade, significa renunciar ao amor. Este só pode existir integrando as duas dimensões, contemplando as duas realidades que são existenciais porque estão aí diante do humano no ato de construir sua vida. Não se vive só de sentimento sem compromisso efetivo, nem vice-versa.

A tese pode ser confirmada ou não pela psicologia, pela antropologia ou outro campo de saber, mas não é isso que a fará ser mais ou menos verdadeira. O que interessa mesmo é a afirmação do romance de que na oposição entre espírito e matéria, não há oposição. A batalha entre um e outro não resulta em um vencedor. Ou vencem ambos, ou perdem todos. Independente da verdade científica da tese, para nós interessa pensar sua relação com a teologia, sua eventual verdade teológica. Ou, dito de outra maneira, como pensar teologicamente a partir deste romance, de sua história e de suas afirmações.

Teologia

Importa sermos honestos. Na história da teologia, e na história do cristianismo de maneira geral, o que se relaciona com o espiritual sempre foi privilegiado em detrimento do material. Chegou-se mesmo a dizer, em vários momentos da história, que o material não tinha importância. Ainda hoje se dissemina o pensamento de que somos seres espirituais apenas em passagem por este mundo material. Nosso destino é o espiritual, muito melhor que o material. Muitas críticas foram, por isso, levantadas contra o cristianismo e contra as religiões de modo geral, destacando-se talvez a crítica do materialismo histórico. Até porque privilegiar o espiritual sempre foi atitude defendida pelos detentores das riquezas e do poder material, que não suportam críticas ou a necessidade de dividir. Sempre foi conveniente fazer o religioso subserviente aos interesses políticos e econômicos da classe dirigente, de maneira a fazer com que o religioso seja como que a justificativa transcendente da ordem estabelecida que favorece, claro, os grandes. E isso é preciso ter claro: a oposição entre espiritual e material favorece os donos do poder, pois projeta para a eternidade espiritual a realização das necessidades dos que são empobrecidos.

Se o argumento acima pode indicar a necessidade de uma revisão da prática e das atitudes cristãs, no sentido de propiciar a revisão de uma teologia moral, ele não

incide diretamente sobre o que chamamos teologia sistemática, ou o que classificamos como conteúdo da fé professada. Poderia aludir a comportamentos, mas não à afirmação fundamental da fé. No entanto, dentro da própria teologia sistemática temos elementos que conduzem a reflexão para outras direções, que podem ser interessantes. Ou, para dizer com outras palavras, existem, na tradição teológica e na história do cristianismo, posições que não fazem conflitar o espiritual com o material. Tal oposição vem mais da cultura, talvez por ingerência política, do que do religioso, ao menos em cristianismo. Apresento dois indicativos importantes, apenas para enumerá-los, relacionados à antropologia teológica e à cristologia, respectivamente: a criação e a encarnação.

As narrativas bíblicas da criação são bem conhecidas, e porque são narrativas, inserem de alguma forma a criação no tempo histórico e não em uma teogonia ou em uma espécie de pré-história de luta dos deuses. No relato de Gn 1, a criação acontece por meio da palavra de Deus: Deus disse, e tudo se fez. Lá se encontra a importante afirmação, para a teologia e para a antropologia, de que o humano é semelhante a Deus, na célebre frase: façamos o homem à nossa imagem e semelhança. O relato de Gn 2 coloca Deus como um jardineiro que plantou bem seu jardim e daquele barro fez a criatura humana. Feito de barro material, o humano não passa de boneco inanimado que se transforma em ser vivente quando lhe é insuflado por Deus o espírito. O que faz o humano viver, o que é sua respiração, é o respiro de Deus, sua ruah.

Na evolução semântica e cultural, aquilo que é o respiro, princípio vital, passou a ser espiritual no sentido de outra dimensão do humano. O espírito que lhe é soprado nas narinas é sopro, princípio vital e, neste sentido, ânima. Por influência persa e, sobretudo, grega, este princípio vital será identificado com a alma espiritual e, de alguma forma, será considerado oposto à matéria. Aqui também há uma evolução, que é a que aponta para a mudança de perspectiva no conceito, que passa de comportamental a, de alguma forma, físico. Frases como “o espírito está preparado, mas a carne é fraca” (Mt 26,41) fizeram com que se perdesse sua oposição comportamental, moral, portanto, e passasse a significar uma oposição física ou metafísica.

Perdeu-se aquela compreensão originária que dizia que o espírito é o que vivifica a matéria, o que a torna viva, para significar ser espiritual em oposição ao ser material. Perdeu-se a dimensão de princípio vital que era própria do espírito para que se chegasse a uma noção praticamente pessoal, e então o espírito passou a significar, exclusivamente, a dimensão espiritual do humano ou sua essência. E vivemos, desde

então, com uma divisão que opõe espírito e matéria e valoriza o primeiro, na linha do estoicismo gnóstico, e rejeita o segundo. Esta dimensão é a que impera, digamos assim, em uma compreensão ingênua do romance quando se fala da batalha que opõe espírito e matéria. A resposta do romance é crítica da posição tradicional, pois não afirma o espiritual sem o material já que ambos são precisos e necessários à vida humana.

Mais interessante para nós, inclusive na temática do Congresso que nos ocupa, talvez seja a questão cristológica que nos permitirá um passo adiante. Afirmamos como centro de nossa fé, que Jesus Cristo é uma pessoa em duas naturezas. Não um ser composto de duas naturezas, mas um ser pessoal em duas naturezas, duas essências, ousoias ou substâncias. Cristo não é um ser espiritual, por mais divino que seja, mas humano e, por isso, concreto, datável e localizável. Não é idéia, mito ou ideologia, mas um ser pessoal. Trata-se da verdadeira encarnação do Filho de Deus que, na plenitude dos tempos, se fez homem. Não dizemos dele que se trata de um ser espiritual revestido de carne, que entra em um corpo humano e o usa como se fosse um casaco ou um autômato. Mas dizemos, sim, com o niceno-constantinopolitano, que o Filho se fez homem, penetrou em nosso mundo e aqui partilhou conosco sua história.

Inclusive quando o afirmamos ressuscitado não prescindimos da afirmação das duas naturezas, sob pena de se perder sua realidade pessoal. Assim, na Páscoa, não falamos de uma ressurreição espiritual, para a qual não haveria necessidade de insistir sobre o sepulcro vazio ou sobre as chagas da paixão. Da mesma forma quando falamos da realidade eucarística, em que afirmamos que se trata do corpo e do sangue de Cristo, componentes evidentes de sua humanidade e não apenas de uma dimensão espiritual que seria suficiente para que se afirmasse sua realidade divina.

O Filho de Deus efetivamente penetrou a história humana e viveu tudo aquilo que é próprio do humano, em tudo semelhante a nós, exceto no pecado, exatamente porque o pecado não define o ser humano. Sua humanidade é palpável pois ele pode ser ouvido, sentido, seguido e é nesta humanidade que se crê estar a revelação plena de Deus. Cabe destacar, ainda uma vez, que também aqui não há oposição entre humano e divino, entre material e espiritual, pois em Cristo ambos estão presentes em sua realidade pessoal e, para nós, ambos configuram o humano.

É possível, portanto, pensar a encarnação do Filho de Deus sem opor material e espiritual, exatamente porque nos referimos à sua realidade pessoal. Mas creio que ainda se pode dar um passo a mais quando pensamos a encarnação do Filho de Deus,

que é exatamente pensar sua motivação. Em outras palavras, perguntar, em alto e bom som: porque Deus se encarnou? A resposta, sem dúvida, aponta para a soteriologia como o próprio niceno bem destacou afirmando que “por nós homens e por nossa salvação ele desceu do céu”, e na sequência essa se tornou a teologia tradicional.

É conhecida também a resposta de Santo Anselmo a esta pergunta e o desenvolvimento que se fez de toda a cristologia da satisfação representativa. Sob certos aspectos, parece que pensar a encarnação em relação ao pecado responde bem à teologia bíblica tradicional que confessa Jesus como o Salvador, e se conhece a relação interna que existe entre esta elaboração cristológica e o próprio sistema feudal existente na época. Por outro lado, se conhece também a reflexão realizada por Duns Scoto, por exemplo, que relaciona a encarnação do Filho com o Amor de Deus. Há que se notar algumas nuances.

Em primeiro lugar, existe, sim, uma teologia bíblica que afirma a ação do Filho de Deus como a do cordeiro que tira o pecado do mundo. Não é estranho ao mundo bíblico afirmar que a encarnação se relaciona com o pecado no sentido de que o resultado da vida de Jesus na terra foi salvar a humanidade de sua influência destruidora. Tal teologia tem parentesco com a teologia judaica do perdão, incluindo seus aspectos culturais na sequência do pensamento vétero-testamentário; por isso se diz que “morreu pelos nossos pecados”. Diferente, porém, é a perspectiva da cristologia representativa que entende que houve uma substituição vicária na morte de Jesus, ele morrendo em lugar dos pecadores no cumprimento de uma espécie de determinação jurídica. Se o que vale na teologia antiga é a perspectiva do perdão, na medieval se coloca em evidência a importância do pecado e da justificação.

Duns Scoto parece não se acomodar bem a esta forma de pensamento. O que o incomoda não é a afirmação de que há salvação pelo perdão do pecado, ou mesmo que a morte de Jesus aconteça em relação a isso, mas sim o fato de que, assim, não se destaca suficientemente a motivação amorosa da encarnação. Toda a reflexão representativa se faz em função da determinação de que há que haver morte porque houve pecado. Duns Scoto, se podemos pensar assim, quer dizer que a morte de Jesus pelos pecados se faz por conta de seu amor pela humanidade.

Desde a antiguidade se conhece a relação que se evidencia entre a encarnação e a criação, no sentido de dizer que a encarnação é o ato que completa a criação porque, através dele, Deus se torna criatura. Foi tanto o amor de Deus pela criação que ele

decide penetra-la tornando-se um de nós, fazendo-se criatura e, de forma misteriosa, unindo-se assim a todo homem (LG). Neste sentido a encarnação como que plenifica a criação, pois esta se torna capaz de seu criador. Daqui deriva uma soteriologia bastante interessante que, no entanto, não integra o acontecimento histórico da morte de Jesus na cruz. Segue-se então a teologia que quer incluir a morte de Jesus em uma perspectiva soteriológica, e é por este caminho que segue a reflexão medieval.

Se anteriormente já se havia relacionado a encarnação com o Amor de Deus em perspectiva creacional, Duns Scotto não vê porque não se pode fazer o mesmo em perspectiva histórico-salvífica. Por isso pode pensar que a encarnação do Filho se deve exclusivamente ao amor de Deus pela humanidade, de tal forma que mesmo que não houvesse pecado, haveria encarnação por conta da manifestação, exatamente, do amor de Deus por todos os seres humanos. Desta forma a encarnação não se inscreve como um apêndice à maneira de Deus ser, não se trata de detalhe sem maiores conseqüências, mas é como que a forma própria de Deus ser. É como que necessária para que o amor de Deus pela humanidade seja verdadeiro. É certo que seu amor se manifestou historicamente no êxodo, no anúncio dos profetas, em tantos e tantos eventos presentes na história de Israel. Isso apenas confirma o que vem sendo dito: que é preciso que o amor de Deus se historicize. Porém, a encarnação como que eleva esta realidade à última instância. Nela Deus se revela plenamente porque se faz um com a história humana. Daí não haver mais nada para esperar da Revelação de Deus que já não tenha acontecido em Jesus. Nem mesmo a atestação histórica de seu amor. A encarnação, vista desta forma, não é detalhe nem facultativa: é testemunho constitutivo do total amor de Deus pela humanidade. O que motiva, digamos, Deus a se encarnar não é o acidente histórico do pecado, mas seu próprio ser de Amor para com os seres humanos.

Dois amores

Aqui é interessante relacionar a reflexão teológica com a perspectiva literária. No romance *Dona Flor e seus dois maridos*, a perspectiva é que o amor, por verdadeiro, precisa de uma concretização histórica. Não basta viver com o espírito de Vadinho, é preciso a materialidade da presença de Teodoro. Não basta experimentar as virtudes do comportamento edificante de Teodoro, mas é preciso também vivenciar o comportamento liberal de Vadinho. Dona Flor não se satisfaz com uma única perspectiva porque o amor precisa ser integral, total. Ela ensina que ou se ama por

inteiro, ou não há amor; ou ela se entrega por inteiro, corpo e espírito, ou o amor é apenas parcial e incapaz de humanizar. Ela precisa de seus dois maridos e o humano, para ser humano, precisa de suas duas dimensões: material e espiritual. Ainda que a intenção de Jorge Amado tenha sido a de afirmar a necessidade do material mesmo no amor como afirmam alguns críticos, isso não determina o trabalho de interpretação que não se prende à intencionalidade do autor, mas refere-se ao texto. E, nele, Dona Flor não fica com um, mas com seus dois maridos.

Para a teologia isso significa que há necessidade de concretização do amor para que ele exista e seja verdadeiro. O amor não é puro sentimento ou relação de espiritualidade mística que prescindia de historicização. O amor de Deus pela humanidade não é um conceito, mas um evento histórico. Deus não se satisfaz, para dizer assim, em afirmar o seu amor ou em mostrar este amor de forma indireta, através do testemunho dos profetas ou através de eventos por onde se possa inferir este amor. Ele precisa de concretização, precisa de historicização, precisa de encarnação. Não há amor se não houver envolvimento da carne, da matéria, do histórico. Daí a encarnação como prova evidente e eficaz do amor de Deus pelo mundo: Deus amou tanto o mundo, que enviou seu Filho único a fim de que quem crer não pereça, mas tenha a vida eterna”. A salvação da humanidade que Deus realiza, livrando-a da morte e retirando-a do pecado, é ato de amor, para além da justiça.

E o que é verdade em teologia sistemática, deve sê-lo também em teologia moral. Porque ninguém ama a Deus que não vê se não ama seu irmão que está vendo. A materialidade vem em primeiro lugar quando se trata de amor. Fazê-lo acontecer em obras de misericórdia é necessário para que seja verdadeiro. Assim como em moral matrimonial, quando se diz da necessidade da consumação do casamento entendendo a materialidade necessária do amor que une os esposos. Também nos outros aspectos da vida, ou o amor se concretiza e se torna história concreta, material, ou então ele não é verdadeiro, não é real, apenas ilusório.

Efetivamente, não há como negar que o literário pode levar a teologia às últimas consequências de sua reflexão. Por sua vez, uma reflexão teológica que dá importância ao literário consegue ultrapassar a fronteira dos conceitos e atingir a vida humana naquilo que ela tem de mais específico, a história.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*, 1966. Impresso.

DE BONI, Luis Alberto. Sobre a vida e a obra de Duns Scotus, *Veritas*, Porto Alegre v. 53 n. 3 jul./set. 2008 p. 7-31. Impresso.

DUNS SCOTUS, João. “Reportata Parisiensa”, in *Opera omnia*, Vols. 22-24, Hants: Gregg International Publishers, 1969. Impresso.

MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura*, São Paulo: Loyola, 1994. Impresso.

MÜLLER, Ulrich B. *A encarnação do Filho de Deus*, São Paulo: Loyola, 2004. Impresso.

SESBOUÉ, Bernard et al., *História dos dogmas*, 4 vols., São Paulo: Loyola, 2002-2006. Impresso.

DOS AMORES

Antonio Manzatto

Resumen

Doña Flor tiene dos maridos, dos amores. Son personajes de una novela de Jorge Amado que viven una relación compleja donde están envueltos sentimientos y necesidades humanas y de donde la religión no está ausente, cualquiera sea el papel que ella desempeñe. El subtítulo de la novela es bastante sugerente: la batalla entre el espíritu y la materia. Más que debates filosóficos, con influencias marxistas, estoicas u otras, la novela narra la historia de amor de una mujer que no quiere vivir el amor solo en la dimensión de su humanidad, sino en la totalidad de su ser personal. En el desarrollo de la historia, el amor no existe apenas en una dimensión espiritual o material, sino que es una experiencia integral y constitutiva de la totalidad del ser humano. No hay amor que no se concrete históricamente, y este parece ser un aspecto olvidado al pensarse la teología de la encarnación.

Palabras clave: Jorge Amado, amor, materia, espíritu, encarnación.

Doña Florípedes es una joven señora de clase media baja, residente en Salvador de Bahía que tiene una escuela de cocina. Es una persona conocida en el barrio, respetada y querida por todos. Muchos lamentan, solamente, el hecho de que esté casada con Vadinho, conocido mujeriego, bohemio y fanfarrón que se pasa casi todas las noches de borrachera gastando todo el dinero ganado con sudor por Doña Flor.

Ellos son apasionados, sin embargo, él parece que prefiriera gastar su vida en la farra, compartiendo sus momentos libres con sus numerosos amigos de bohemia. Doña Flor convive con esa situación, aunque preferiría que fuera diferente. El hecho es que, a su manera, funcionan bien en algunos aspectos de su relación amorosa -de manera especial en el sexo-, inclusive él, de tanto en tanto, se acuerda de hacerle un cariño, una invitación, o de traerle una pequeña sorpresa. Por su lado, ella se alegra con ese poco de consideración y aguanta las borracheras y apuestas de su marido.

La sorpresa es general cuando, en plena diversión de carnaval, corre la noticia de la muerte de Vadinho. Murió en la fiesta, allí donde siempre había vivido. Doña Flor siente que su mundo se cae y sus amigas pronostican el fin de sus problemas. La tristeza de Flor es profunda ya que ella amaba a su joven marido, sin embargo, necesita seguir adelante con su vida. Sus amigas la ven ahora en el momento justo para su realización y felicidad, libre del molesto bohemio que le complicaba la existencia. Como ella es joven, la incitan a casarse nuevamente, sin embargo, ella prefiere zambullirse de cabeza en el trabajo, multiplicando las clases en su escuela de cocina.

Su condimento bahiano, en la comida y en el cuerpo, llama la atención del doctor Teodoro Madureira, farmacéutico del barrio, respetado y respetuoso, quien tiene como hobby, solamente, tocar el fagot en la orquesta municipal. Según sus amigas, fueron hechos el uno para el otro. Doña Flor es joven, bonita, atractiva y libre. El Dr. Madureira es soltero, bien establecido en la vida, atento, fino y educado. Todo lo que una mujer puede desear como marido. El romance, finalmente, se encamina.

Ellos se enamoran verdaderamente y se casan. Entonces, la vida en común se desarrolla en la rutina calma y sosegada donde todo parece tener un lugar, la vida sigue sin sorpresas y la felicidad parece haber sido conquistada. Hay una verdad en eso: Doña Flor puede, sin miedo, pasear con su marido y recibir visitas en su casa, sin aquel temor de verlo entrar borracho en la casa repentinamente o dando espectáculos de mal gusto en las calles. Pueden descubrir las bellezas de la cultura bahiana en la comida, en la música, en las artes, sin tener como única referencia la mesa de un bar. Pueden disfrutar juntos momentos agradables en sus noches hogareñas durante los fines de semana, y continuamente se encuentran, mientras trabajan, pensando uno en el otro.

El problema es el sexo, que no satisface. Ella, que conociera las aventuras de navegar por mares desconocidos en los brazos de Vadinho, el fanfarrón de la libertad, no se conforma con algunas caricias, mecánicas y controladas en los brazos del conservador Dr. Madureira. Ella se culpa por eso, se considera una desvergonzada, una cualquiera. Sus amigas le hacen ver, cotidianamente, la belleza y virtudes del Dr. Madureira y la estabilidad de su casamiento, y ella siente nostalgias de las sorpresas no siempre agradables de Vadinho, inclusive hasta de sus vicios; pero, sobre todo, de la capacidad que él tenía de hacerla volar entre las estrellas sintiendo el gusto y la alegría de la vida. Si antes todo era terrible por la inseguridad y lo inesperado, ahora todo es triste a causa del marasmo, la inalterabilidad, el exceso de calma. Y Flor se culpa porque parece no saber reconocer todo lo bueno que la vida le da ahora en comparación con el sufrimiento que ya experimentó.

He aquí, entonces, que la situación se complica todavía más con la aparición del espíritu de Vadinho. Con su mismo aspecto fanfarrón y bohemio se pone a convivir con Flor y ella experimenta el dilema de traicionar al segundo marido con el espíritu del primero. ¿Cómo puede ser? Por un lado, ella se encuentra alegre y feliz por reencontrar a Vadinho, su manera de ser, sus caricias y su presencia; por otro lado, se siente angustiada y torturada por el compromiso de fidelidad hacia el Dr. Madureira, a quien

continúa amando. Este, a su vez, ni percibe lo que está sucediendo ni percibe el drama vivido por Doña Flor, dividida entre sus dos maridos. Ella experimenta en la realidad de su vida la batalla entre el espíritu y la materia, como dice el subtítulo de la novela. El espíritu de Vadinho la atormenta y la hace feliz, la materia del Dr. Madureira a su lado la calma, pero no la completa. Dividida y desesperada, ella decide buscar la ayuda de las Madres de Santo de Bahía, para que le den la receta para enviar el espíritu de Vadinho de vuelta al mundo de los muertos, lugar de donde nunca debió haber salido. Flor decide hacer lo correcto, mandar el espíritu de vuelta al mundo de los espíritus para poder vivir con su marido material en este mundo real donde los vivos despliegan sus vidas.

Y Flor procede así, pero, en el último instante, cambia de idea y determina que hay un modo de vivir con sus dos maridos. En vez de seguir reglas y normas que le son impuestas, crea su propia manera de vivir, como señora de su destino y de su libertad. Ella, que es esposa de uno y de otro decide convivir con los dos: el espíritu de Vadinho y el material Dr. Madureira. Como decide no renunciar ni al espíritu ni a la materia, entonces ella encuentra un modo de ser feliz en esta tierra de vivos, mientras la muerte no los reúna en otra situación.

Literatura

La narrativa de Jorge Amado es bastante conocida. *Doña Flor y sus dos maridos* es una novela traducida a varios idiomas cuya historia fue llevada al cine y al teatro. De alguna forma, la batalla entre lo espiritual y lo material está retratada allí y la solución, que parece tan creativa en el caso de Doña Flor, parece más corriente en las decisiones humanas y en el estilo de vida que nos imponemos. Después de todo, siempre es bueno contemplar lo espiritual y lo material. Digo que eso parece más normal en nuestro modo de vivir porque, de verdad, solo parece. Sobre todo, si la mirada se vuelve hacia lo teológico o lo religioso, donde no hay equilibrio entre lo espiritual y lo material. Y si miramos hacia la realidad del mundo financiero, por ejemplo, tampoco existe equilibrio entre las dos dimensiones.

De cierta forma, Doña Flor es una especie de alter ego del mismo novelista, también él atrapado por cuestiones que oponían lo material y lo espiritual. Finalmente, un comunista convencido -por lo tanto, materialista- que era también adepto del candomblé, religión brasileña de matriz africana y, por lo tanto, abierto a lo espiritual.

Muchos lo criticaron por esta doble pertenencia, muchos le preguntaron en qué creía realmente, si en el materialismo o en lo espiritual. Pocos veían con normalidad lo que él vivía, la unión de dos aspectos que parecen contradictorios en una misma persona. Pero nunca abandonó ni una ni otra de sus convicciones.

Los subtítulos de la novela *Doña Flor y sus dos maridos* colocan en escena esta batalla entre lo material y lo espiritual. No obstante, cabe señalar que en la ficción las representaciones están invertidas y ya indican la unión de los contrarios. En fin, Vadinho, el espíritu, representa el amor físico, sexual, bien carnal y material; ya el Dr. Madureira, lo material, representa las virtudes espirituales que se dicen importantes para el desarrollo de la vida: él es atento, educado, respetuoso, un dechado de virtudes. En los personajes, lo material representa lo trascendental en tanto que lo espiritual representa lo histórico. La solución adoptada es la no exclusión de ninguno de los dos. En la realidad de la vida existen aspectos immanentes y trascendentes, relacionados con las circunstancias y con los valores, y no se puede renunciar a uno para vivir lo otro. De esta misma manera, según Jorge Amado, en la relación amorosa existe la comunión de almas y cuerpos de tal forma que no existe realización si la relación no es humanamente completa. Renunciar a uno o a otro, en verdad, significa renunciar al amor. Esto solo puede existir integrando las dos dimensiones, contemplando las dos realidades que son existenciales porque están ahí en presencia de lo humano en el acto de construir su vida. No se vive solo del sentimiento sin compromiso efectivo, ni al revés.

La tesis puede ser confirmada o no por la psicología, por la antropología u otro campo del saber, pero eso no la hará más o menos verdadera. Lo que interesa de verdad es la afirmación de la novela que en la oposición espíritu y materia, no hay oposición. La batalla entre uno y otro no tiene vencedor. O vencen ambos o pierden todos. Independientemente de la verdad científica de la tesis, a nosotros nos interesa pensar su relación con la teología, su eventual verdad teológica. O, dicho de otra manera, como pensar teológicamente a partir de esta novela, de su historia y de sus afirmaciones.

Teología

Seamos honestos. En la historia de la teología y en la historia del cristianismo en general lo que se relaciona con lo espiritual siempre fue privilegiado en detrimento de lo material. Incluso se llegó a decir en varios momentos de la historia que lo material no

tenía importancia. Aun hoy se disemina el pensamiento de que somos seres espirituales apenas de paso por este mundo material. Nuestro destino es lo espiritual que es mucho mejor que lo material. Por eso se realizaron muchas críticas al cristianismo y a las religiones en general, destacándose tal vez la crítica efectuada por el materialismo histórico. También porque privilegiar lo espiritual siempre fue una actitud defendida por los poseedores de las riquezas y del poder material, que no toleran críticas o cuestionamientos. Siempre fue conveniente subordinar lo religioso a los intereses políticos y económicos de la clase dirigente, de manera de hacer con lo religioso un modo de justificación trascendente de un orden establecido que favorece, claro, a los poderosos. Es preciso tener esto en claro: la oposición entre lo espiritual y lo material favorece a los dueños del poder ya que proyecta hacia la eternidad espiritual la realización de las necesidades de aquellos que son pobres.

Si el argumento anterior puede indicar una necesidad de revisión de la práctica y de las actitudes cristianas, en el sentido de propiciar una revisión de una teología moral, ello no incide directamente sobre lo que llamamos teología sistemática o lo que clasificamos como contenido de la fe profesada. Podría aludir a comportamientos, pero no a la afirmación fundamental de la fe. Sin embargo, dentro de la propia teología sistemática tenemos elementos que conducen a la reflexión en otras direcciones que pueden ser interesantes. O, dicho con otras palabras, existen en la tradición teológica de la historia del cristianismo, posiciones que no hacen entrar en conflicto lo espiritual y lo material. Tal oposición viene más desde la cultura, tal vez por injerencia de la política más que de lo religioso, al menos en el cristianismo. Presento dos referencias importantes, para especificar, relacionadas con la antropología teológica y con la cristología respectivamente: la creación y la encarnación.

Las narrativas bíblicas de la creación son bien conocidas y, justamente porque son narrativas, colocan de alguna forma la creación en un tiempo histórico y no en una teogonía o en una especie de prehistoria de lucha de los dioses. En el relato del Gn 1, la creación sucede por medio de la palabra de Dios: Dios dice y todo se hace. Allí se encuentra la importante afirmación para la teología y para la antropología de que el hombre es semejante a Dios en la célebre frase: hagamos al hombre a nuestra imagen y semejanza. El relato de Gn 2 ubica a Dios como un jardinero que preparó bien su jardín y que con su barro hizo la criatura humana. Hecho de barro material, sin embargo, el hombre no es un muñeco inanimado que se transforma en ser viviente cuando le es

insuflado el espíritu por Dios. Lo que hace vivir al humano, lo que es su respiración, es el aliento de Dios, su “ruah”.

En la evolución semántica y cultural, aquello que es el aliento, principio vital, pasó a ser espiritual en el sentido de otra dimensión de lo humano. El espíritu que es insuflado en las narinas es soplo, principio vital y, en este sentido, “ánima”. Por influencia persa y, sobre todo, griega, este principio vital será identificado con el alma espiritual y, de alguna forma, será considerado opuesto a la materia. Aquí también hay una evolución, que es la que apunta para un cambio de perspectiva en el concepto, que pasa de comportamental a, de alguna manera, físico. Frases como “el espíritu está preparado pero la carne es débil” (Mt 26,41) hicieron que se perdiese su oposición comportamental -por lo tanto, moral- y pasase a significar una oposición física o metafísica.

Se perdió aquella comprensión originaria que decía que el espíritu es lo que vivifica la materia, lo que la torna viva, para significar un ser espiritual en oposición al ser material. Se perdió la dimensión de principio vital que era propia del espíritu para llegar a una noción prácticamente personal; y entonces el espíritu pasó a significar, exclusivamente, la dimensión espiritual de lo humano o su esencia. Y vivimos, desde entonces, con una división -en la línea del estoicismo gnóstico- que opone espíritu y materia y valoriza el primero para resignar la segunda.

Esta dimensión es la que impera, digamos así, en una comprensión ingenua de la novela cuando se habla de la batalla que opone espíritu y materia. La respuesta del texto es una crítica a la posición tradicional ya que no concibe lo espiritual sin lo material ya que ambos son justos y necesarios para la vida humana.

Más interesante para nosotros -teniendo en cuenta la temática del Congreso que nos ocupa- sea tal vez la cuestión cristológica, que nos permitirá dar un paso más en nuestras reflexiones. Afirmamos como centro de nuestra fe que Jesucristo es una persona en dos naturalezas. No es un ser compuesto de dos naturalezas sino un ser personal en dos naturalezas, dos esencias, ousías o sustancias. Cristo no es un ser espiritual por más divino que sea, sino humano y, por eso, concreto, comprobable y localizable. No es una idea, mito o ideología, sino un ser personal. Se trata de la verdadera encarnación del Hijo de Dios que, en la plenitud de los tiempos, se hizo hombre. No decimos de Él que se trata de un ser espiritual revestido de carne, que entra en un cuerpo humano y lo usa como si fuera un traje o un autómatas. Sino que

afirmamos, con el credo niceno-constantinopolitano, que el Hijo se hizo hombre, entró a nuestro mundo y compartió aquí, con nosotros, su historia.

Inclusive cuando lo afirmamos resucitado no prescindimos de la afirmación de las dos naturalezas, bajo pena de perder su realidad personal. Así, en la Pascua, no hablamos de una resurrección espiritual, para la cual no habría necesidad de insistir sobre el sepulcro vacío o sobre las llagas de la pasión. De la misma manera, cuando hablamos de la realidad eucarística, en la que afirmamos que se trata del cuerpo y la sangre de Cristo, componentes evidentes de su humanidad y no tan solo de una dimensión espiritual que sería suficiente para que se afirmase su realidad divina.

El Hijo de Dios, efectivamente, penetró la historia humana y vivió todo aquello que es propio de lo humano; en todo semejante a nosotros, excepto en el pecado, exactamente porque el pecado define al ser humano. Su humanidad es palpable porque Él puede ser oído, sentido, seguido y es en esta humanidad que se cree, donde está la revelación plena de Dios. Cabe destacar, una vez más, que tampoco aquí hay oposición entre humano y divino, entre material y espiritual, pues en Cristo ambos están presentes en una realidad personal y, para nosotros, ambos configuran lo humano.

Es posible, por lo tanto, pensar la encarnación del Hijo de Dios sin oponer lo material y lo espiritual porque, exactamente, nos referimos a su realidad personal. Pero creo que aún se puede dar un paso más cuando pensamos la encarnación del Hijo de Dios, que es justamente pensar en su motivación. En otras palabras, preguntar, en voz alta y clara: ¿por qué Dios se encarnó? La respuesta, sin duda, apunta hacia la soteriología como el propio credo niceno-constantinopolitano destacó al afirmar que fue “por nosotros, los hombres, y por nuestra salvación Él descendió del cielo”, y en esa línea continuó la teología tradicional.

Es conocida también la respuesta de San Anselmo a esta pregunta y el desarrollo que se hizo de toda la cristología de la satisfacción representativa. En cierto modo, parece que pensar la encarnación en relación al pecado responde bien a la teología bíblica tradicional que confiesa a Jesús como el Salvador, con la consabida relación interna que existe entre esta elaboración cristológica y el propio sistema feudal existente en la época. Por otro lado, es conocida también la reflexión realizada por Duns Scoto que relaciona, por ejemplo, la encarnación del Hijo con el Amor de Dios. En este sentido, es necesario señalar algunos matices.

En primer lugar, existe, sí, una teología bíblica que afirma la acción del Hijo de Dios como la del cordero que quita los pecados del mundo. No es extraño al mundo bíblico afirmar que la encarnación se relaciona con el pecado en el sentido de que el resultado de la vida de Jesús en la tierra fue salvar a la humanidad de su influencia destructiva. Tal teología tiene parentesco con la teología judaica del perdón, incluyendo sus aspectos culturales en el seguimiento del pensamiento vétero-testamentario; por eso se dice que “murió por nuestros pecados”. Diferente, en tanto, es la perspectiva de la cristología representativa que entiende que hubo una sustitución vicaria en la muerte de Jesús, Él muriendo en lugar de los pecadores en el cumplimiento de una especie de determinación jurídica. Si lo que vale en la teología antigua es la perspectiva del perdón, en la medieval se coloca en evidencia la importancia del pecado y de la justificación.

Duns Scoto parece no acomodarse bien a esta forma de pensamiento. Lo que lo incomoda no es la afirmación de que hay salvación por el perdón del pecado, o incluso que la muerte de Jesús acontezca en relación a eso, sino el hecho de que de este modo no se destaca suficientemente la motivación amorosa de la encarnación. Toda la reflexión representativa se hace en función de la determinación de que tiene que haber muerte porque había pecado. Duns Scoto, de algún modo, quiere decir que la muerte de Jesús por los pecados fue en función por su amor a la humanidad.

Desde la antigüedad se conoce la relación evidente entre la encarnación y la creación, en el sentido de decir que la encarnación es el acto que completa la creación porque, a través de él, Dios se torna criatura. Fue tanto el amor de Dios por la creación que decide entrar en ella convirtiéndose en uno de nosotros, haciéndose criatura y, de manera misteriosa, uniéndose así a todo hombre (LG). En este sentido, la encarnación de algún modo plenifica la creación pues esta se torna capaz de su creador. De aquí se deriva una soteriología bastante interesante que, sin embargo, no integra el acontecimiento histórico de la muerte de Jesús en la cruz. Se sigue, entonces, la teología que quiere incluir la muerte de Jesús en una perspectiva soteriológica, y es por este camino que se adopta la reflexión medieval.

Si anteriormente ya se había relacionado la encarnación con el Amor de Dios en perspectiva creacional, Duns Scoto no entiende por qué no se puede hacer lo mismo en perspectiva histórico-salvífica. De esta manera, puede pensar que la encarnación del Hijo se debe exclusivamente al amor de Dios, de modo tal que, aunque no hubiese pecado, habría encarnación a causa de la manifestación, exactamente, del amor de Dios

por todos los seres humanos. Así, la encarnación no se inscribe como un apéndice de la manera de ser de Dios, ni se trata de un detalle sin mayores consecuencias, sino que es como la propia forma de ser de Dios. Es cierto que su amor se manifestó históricamente en el éxodo, en el anuncio de los profetas, en tantos eventos presentes en la historia de Israel. Eso solo confirma lo que viene siendo dicho: que es necesario que el amor de Dios se “historicize”. Sin embargo, la encarnación eleva esta realidad a la última instancia. En ella Dios se revela plenamente porque se hace uno con la historia humana. De ahí que no haya nada para esperar de la Revelación de Dios que ya no haya acontecido en Jesús. Ni otra prueba histórica de su amor. La encarnación, vista de esta forma, no es un detalle ni es arbitraria: es el testimonio constitutivo del amor total de Dios por la humanidad. Digamos, lo que motiva a Dios a encarnarse no es el accidente histórico del pecado, sino su propio ser de Amor para con los seres humanos.

Dos amores

Aquí es interesante relacionar la reflexión teológica con la perspectiva literaria. En la novela *Doña Flor y sus dos maridos*, la perspectiva es el que amor, por verdadero, precisa de una concreción histórica. No basta el vivir con el espíritu de Vadinho, es precisa la materialidad de la presencia de Teodoro. No alcanza con experimentar las virtudes del comportamiento edificante de Teodoro, sin que es preciso vivenciar el comportamiento liberal de Vadinho. Doña Flor no se satisface con una única perspectiva porque el amor necesita ser integral, total. Ella enseña que, o se ama enteramente, o no hay amor; o ella se entrega por entero, cuerpo y espíritu, o el amor es solo parcial e incapaz de humanizar. Ella precisa de sus dos maridos y el hombre para ser humano, necesita de sus dos dimensiones: material y espiritual. Aunque la intención de Jorge Amado haya sido la de afirmar la necesidad de lo material incluso en el amor como afirman algunos críticos, eso no condiciona el trabajo de interpretación que no se desprende de la intencionalidad del autor, sino que se refiere al texto. Y, en él, Doña Flor no se queda con uno, sino con sus dos maridos.

Para la teología esto significa que es necesaria la concreción del amor para que él exista y sea verdadero. El amor no es puro sentimiento o relación de espiritualidad mística que prescindiera de la historicidad. El amor de Dios por la humanidad no es un concepto sino un evento histórico. Dios no se satisface, por decirlo de algún modo, en afirmar su amor o en mostrar este amor en forma indirecta, a través del testimonio de

los profetas o a través de eventos por donde se pueda inferir este amor. Él precisa de la materialización, precisa de la historicidad, precisa de la encarnación. No hay amor si no hubiera implicación de la carne, de la materia, de lo histórico. De ahí la encarnación como prueba evidente y eficaz del amor de Dios por el mundo: “Dios amó tanto al mundo que envió a su Hijo único a fin de quien crea no perezca, sino que tenga la vida eterna”. La salvación de la humanidad que Dios realiza, liberándola de la muerte y alejándola del pecado, es un acto de amor, más allá de la justicia.

Lo que es verdad en teología sistemática, deber serlo también en teología moral. Porque nadie ama a un Dios que no ve sino ama a su hermano, al que está viendo. Cuando se trata de amor la materialidad viene en primer lugar. Hay que hacerlo aparecer en obras de misericordia para que sea verdadero. Del mismo modo que en la moral matrimonial, cuando se dice de la necesidad de la consumación del casamiento entendiendo la materialidad necesaria del amor que une a los esposos. También en los otros aspectos de la vida: o el amor se consolida y se convierte en historia concreta, material o, entonces, no es verdadero, no es real, es solo ilusorio.

Efectivamente, no hay modo de negar que lo literario puede llevar a la teología a las últimas consecuencias de su reflexión. En tal sentido, una reflexión teológica que da importancia a lo literario consigue traspasar la frontera de los conceptos y abordar la vida humana en aquello que ella tiene que más específico, la historia.